

Introdução

A empresa U.S Robots é um divisor social para uma sociedade composta por homens e robôs, como descrito no conto "I robot" de Isaac Asimov. A história desenvolve-se a partir de um diálogo, não tão amistoso, entre um jornalista que está a desenvolver um artigo para Interplanetaria Press, uma revista de amplo alcance, e a anfitriã da empresa, Susan Calvin. Essa por sua vez, possui uma história que se confunde com a da própria empresa na qual trabalha, por exemplo, o fato de ambas possuírem 75 anos.

A *U.S Robot and Mechanical Men Inc* foi incorporada por Lawrence Robertson quando a Dr. Calvin nasceu. Por volta dos vinte anos, Susan Calvin atuara como psico-Matemática, quando Dr. Alfred Lanning demonstrou primeiro robô móvel equipado com voz. Desqualificado por seus adjetivos, porém interessante, pois falava e fazia sentido. Por trás de seu semblante frio, a Dr Calvin protegia-se do mundo que não gostava. Ela Obteve o diploma de bacharel pela Universidade de Columbia(2003) e fez doutorado em cibernética.

Tudo que aconteceu em meados do século XX, no contexto de máquinas, foram atualizados por Robertson e seus banhos cerebrais positrônico. A substituição do que se conhecia até então, como circuitos elétricos, relés e fotocélulas deram espaço para um globo esponjoso de platina e irídio do tamanho aproximado do cérebro humano. Tendo aprendeu a calcular os parâmetros necessários para fixar as variáveis no interior do cérebro positrônico, Calvin projetou as reações no papel de modo a tornar o processo preditivo e preciso. Tornando-se a primeira especialista na nova Ciência.

Durante os 50 anos seguintes, Susan Calvin viu o progresso humano mudar e dar um grande salto a frente. A entrevista é marcada pela memória e pela passagem do tempo, a relação entre a doutora e a empresa são indissociáveis.

Antes e depois da US Robos: Como o mundo era sem os robôs?

A Humanidade encarava o universo sozinha. Com os robôs, as pessoas possuíam criaturas para ajudá-las, mais fortes mais fiéis, mais uteis e devotas aos desejos de seus donos. Essa relação entre máquinas e homens não desenvolveu-se de forma natural, mas sim, com resistência por parte de alguns setores da sociedade. Com a semelhança cada vez maior entre máquinas e homens, a oposição aos robôs foi cada vez maior, com sindicatos e setores da opinião pública se opondo, além da objeção religiosa.

Dra. Susan citou então o caso de Robbie, um robô desmontado um ano antes do ingresso dela na empresa. No passado, disse ela, chamavam-nos de blasfemos e demomônios. Robbie, um robô mudo, poderia provar o contrário. Fabricado e vendido em 1996, antes da extrema especialização, Robbie fora vendido como ama-seca (*nursemaid*).

1. Robbie

O primeiro capítulo conta a história da relação entre Robbie um "amo-seco", uma espécie de acompanhante-cuidador, e uma menina chamada Glória. A menina de oito anos de idade, mora numa vila repleta de outras crianças, mas ela só interage com seu amigo robô Robbie. Ambos brincam e criam fantasias juntos, ele adora ouvir histórias contadas pela menina.

Robbie é um dos protótipos criados pela U.S Robôs, que não possuía voz. Pela descrição seus trejeitos são de um robô humanoide. O envolvimento da criança com o robô, faz com que a relação afetiva seja tão real quanto uma relação humana. Porém, a mãe de Glória, senhora Western, sente que essa amizade pode tornar sua filha menos sociável, e com problemas de desenvolvimento. O pai de Glória, Mrs. Western, adquiriu o robô justamente para servir como amo-seco. Porém, a mãe, cedendo a pressão externa, insiste em devolver o robô.

Prática comum entre humanos, substituir uma relação com outra parece ser viável. A mãe de Glória comprou um cachorro para que a filha pudesse esquecer do amigo robô algo que não aconteceria. A família parte então para uma temporada na cidade de Nova York, acreditando que assim distrairia a menina que esqueceria facilmente do seu amigo e deixá-lo no passado. Porém, apesar de mostrar indícios de uma euforia, sua única expectativa era a de encontrar seu amigo de ferro pela cidade.

Glória e família conheceram a cidade de Nova York no ano de 1996. Em um dos passeios, para uma exposição sobre ciência, os pais da menina levaram-na no intuito de que ela pudesse esquecer do robô que conviveu com ela na pequena cidade que ela vivia, porém ao chegar na exposição, a menina foi conduzida por cartazes que indicavam a existência de um robô falante. A existência semântica do robô, algo que fazia referência ao Robbie. Ao enxergar um cartaz que dizia aqui tem um robô falante depressa a menina foi logo em busca de seu amigo.

A associação afetiva fez com que ela deduzisse por si mesma que o robô falante saberia dizer onde estaria Robbie, ao se dirigir a ele, com suas perguntas nada objetivas para um robô, contrapôs-se a esse pelo princípio de generalização. A observação de que o robô falante não servia para fins práticos, mas apenas para fins publicitários, para os quais estaria acompanhado do engenheiro criador, que garantia que as perguntas tivessem respostas.

Porém as perguntas de Glória deslocara o robô de sua existencialidade e com isso o autor Isaac Asimov ilustra o paradigma de existência robótica, que seria basicamente a generalização radical. Para o robô não conhecer outros de sua espécie é um contraponto reflexivo porque ser associável é justamente a ideia de que existem outros de sua espécie. Ao refletir sobre as perguntas da menina o robô queimou meia dúzia de bobinas, pois eram justamente as perguntas que fugiam da linearidade do programa, capazes de fazer o processador e todo circuito da máquina se irromperem em si.

A Adolescente presente no recinto, desprovida de todo e qualquer relevância perante a menina Glória, estava a fazer anotações, essa era na verdade, a Dra. Calvin, ainda adolescente, fazendo anotações sobre processos da física sobre aspectos práticos da robótica. A menina Glória avistou de longe algo que parecia ser o seu amigo robô Robbie foi então de encontro até este porém no caminho vinha um trator desses de fábrica capaz de causar a morte da menina. Porém, em uma reação rápida e preditiva, o robô segura a menina nos braços.

Nesse momento, Susan Calvin retorna à narrativa com o jornalista informando que a relação dos robôs com os humanos foi descontinuada, tendo a empresa focado nos projetos robóticos voltados para exploração em outros planetas, como nas minas em Mercúrio, por exemplo.